Desaceleração na redução da mortalidade infantil e juvenil no mundo: desigualdades persistentes e desafios para o alcance dos ODS

Slowing progress in reducing child and youth mortality worldwide: persistent inequalities and challenges to achieving the SDGs

Desaceleración en la reducción de la mortalidad infantil y juvenil en el mundo: desigualdades persistentes y desafíos para alcanzar los ODS

Priscilla Paiva Gê Vilella dos Santos, Maria Teresa Rossetti Massari e Maria Auxiliadora Souza Mendes Gomes

Resumo: O relatório Níveis e Tendências da Mortalidade Infantil – Relatório 2025, elaborado pelo Grupo Interagências das Nações Unidas para a Estimativa da Mortalidade Infantil, apresenta as estimativas globais mais recentes sobre mortalidade de crianças, adolescentes e jovens no período de 1990 a 2024, destacando tendências, causas e desigualdades. Este boletim analisa os principais achados do documento, evidenciando que, embora tenha havido avanços significativos na redução da mortalidade infantil nas últimas décadas, o ritmo de progresso desacelerou após 2015, colocando em risco o cumprimento das metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável até 2030. O relatório aponta que a maioria dessas mortes é evitável, estando associada a causas como complicações neonatais, doenças infecciosas e fatores estruturais como pobreza, desigualdade e acesso limitado a serviços de saúde de qualidade. Entre adolescentes e jovens, destacam-se causas externas, como violência, acidentes de trânsito e suicídio. O documento também evidencia importantes lacunas nos sistemas de informação, especialmente em países de baixa renda, que dificultam o monitoramento adequado. Conclui-se que a aceleração do progresso depende de investimentos sustentados em atenção primária à saúde, melhoria da qualidade do cuidado materno e neonatal e enfrentamento das desigualdades sociais, com foco nos contextos mais vulneráveis.

Palavras-chave: Mortalidade infantil; Mortalidade neonatal; Desigualdades em saúde; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Resumen: *El informe Levels and Trends in Child Mortality – Report 2025, elaborado por el United Nations Inter-agency Group for Child Mortality Estimation, presenta las estimaciones globales más recientes sobre la mortalidad de niños, adolescentes y jóvenes entre 1990 y 2024, destacando tendencias, causas y desigualdades. Este boletín analiza los principales hallazgos del documento, evidenciando que, aunque se han logrado avances significativos en la reducción de la mortalidad infantil en las últimas décadas, el ritmo de progreso se ha desacelerado desde 2015, poniendo en riesgo el cumplimiento de los Objetivos de Desarrollo Sostenible para 2030. La mayoría de estas muertes son evitables y están asociadas a complicaciones neonatales, enfermedades infecciosas y determinantes estructurales como la pobreza, la desigualdad y el acceso limitado a servicios de salud de calidad. Entre adolescentes y jóvenes predominan causas externas como la violencia, los accidentes de tránsito y el suicidio. El informe también destaca*

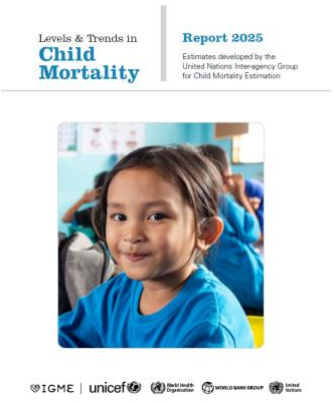
importantes brechas en los sistemas de información, especialmente en países de bajos ingresos. Se concluye que acelerar el progreso requiere inversiones sostenidas en atención primaria de salud, mejora de la calidad de la atención materna y neonatal, y acciones para reducir las desigualdades sociales, con énfasis en las poblaciones más vulnerables.

Palabras clave: *Mortalidad infantil; Mortalidad neonatal; Desigualdades en salud; Objetivos de Desarrollo Sostenible*

Abstract*: The Levels and Trends in Child Mortality – Report 2025, produced by the United Nations Inter-agency Group for Child Mortality Estimation, provides the most recent global estimates on mortality among children, adolescents, and youth from 1990 to 2024, highlighting trends, causes, and inequalities. This brief analyzes the report's key findings, showing that although significant progress has been made in reducing child mortality over recent decades, the pace of improvement has slowed since 2015, jeopardizing the achievement of the Sustainable Development Goals by 2030. Most of these deaths are preventable and are linked to causes such as neonatal complications, infectious diseases, and structural determinants including poverty, inequality, and limited access to quality health services. Among adolescents and youth, external causes such as violence, road traffic injuries, and suicide predominate. The report also highlights significant data gaps, particularly in low-income countries, which hinder effective monitoring. Accelerating progress will require sustained investments in primary health care, improved quality of maternal and neonatal care, and strategies to address social inequalities, with a focus on the most vulnerable populations.*

Keywords: *Child mortality; Neonatal mortality; Health inequalities; Sustainable Development Goals*

Introdução



O relatório Níveis e Tendências da Mortalidade Infantil – Relatório 2025, publicado em 17 de março de 2026 pelo Grupo Interagências das Nações Unidas para a Estimativa da Mortalidade Infantil (UN IGME), constitui a principal referência global sobre a evolução da mortalidade entre crianças, adolescentes e jovens. Trata-se de um instrumento central para o monitoramento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente das metas relacionadas à redução da mortalidade infantil e juvenil. Liderado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em colaboração com a Organização Mundial da Saúde, Banco Mundial e Departamento das Nações Unidas para Assuntos Econômicos e Sociais (UN DESA), o documento de 140 páginas apresenta as principais estimativas para o período de 1990 a 2024 e, pela primeira vez, integra de forma sistemática dados de mortalidade total com estimativas consolidadas de causas de morte, mostrando as causas que levam as crianças a morrer em diferentes faixas etárias.

Com esse nível de detalhamento de evidências, é possível identificas onde certas ações são mais urgentes e necessárias e quais intervenções deverão ter maior impacto. Ainda assim, importante reconhecer que persistem lacunas importantes nos dados, principalmente nos

países com maior incidência; e reduzir isso é fundamental para direcionar as intervenções de forma eficaz e acelerar o progresso rumo ao fim das mortes infantis evitáveis em todo o mundo.

Apenas a título de informação, a mortalidade infantil é definida como o número de óbitos de crianças com menos de 1 ano de idade por mil nascidos vivos em um determinado local e período. Funciona como um indicador crucial das condições de vida, saúde, saneamento e desenvolvimento socioeconômico de uma população. O cálculo da taxa é feito a partir do Número de óbitos menores de 1 ano/1.000 nascidos vivos. Dentro da Mortalidade Infantil, ainda há os componentes: neonatal precoce (0 a 6 dias de vida), neonatal tardio (7 a 27 dias de vida), e pós-neonatal (28 a 364 dias de vida). A Mortalidade na Infância, por sua vez, tem sua taxa calculada a partir do Número de óbitos dos menores de 5 anos/1.000 nascidos vivos.

O documento confirma uma tendência ambivalente: ao mesmo tempo em que se registra progressos históricos na redução da mortalidade (1 em cada 27 crianças morreu antes de completar cinco anos em 2024, em comparação com 1 em cada 11 em 1990), evidencia uma desaceleração preocupante nos últimos anos, com profundas desigualdades geográficas e sociais, e um risco concreto de não cumprimento das metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) até 2030.

Logo no início do documento, é apresentada uma síntese do panorama global mais recente e estabelecido um tom de alerta. Em 2024, cerca de 7 milhões de mortes ocorreram entre indivíduos de 0 a 24 anos, sendo 4,9 milhões entre menores de cinco anos e aproximadamente 2,1 milhões entre 5 e 24 anos. Isso equivale a cerca de 13.400 mortes diárias de crianças menores de cinco anos. Um dado relevante é que quase metade dessas mortes (aproximadamente 2,3 milhões) ocorre no período neonatal, ou seja, nos primeiros 28 dias de vida, consolidando uma tendência de crescente concentração da mortalidade nesse período. O relatório destaca ainda que, apesar da redução global acumulada desde 1990 (superior a 50% na mortalidade de menores de cinco anos), o ritmo de queda desacelerou significativamente após 2015.

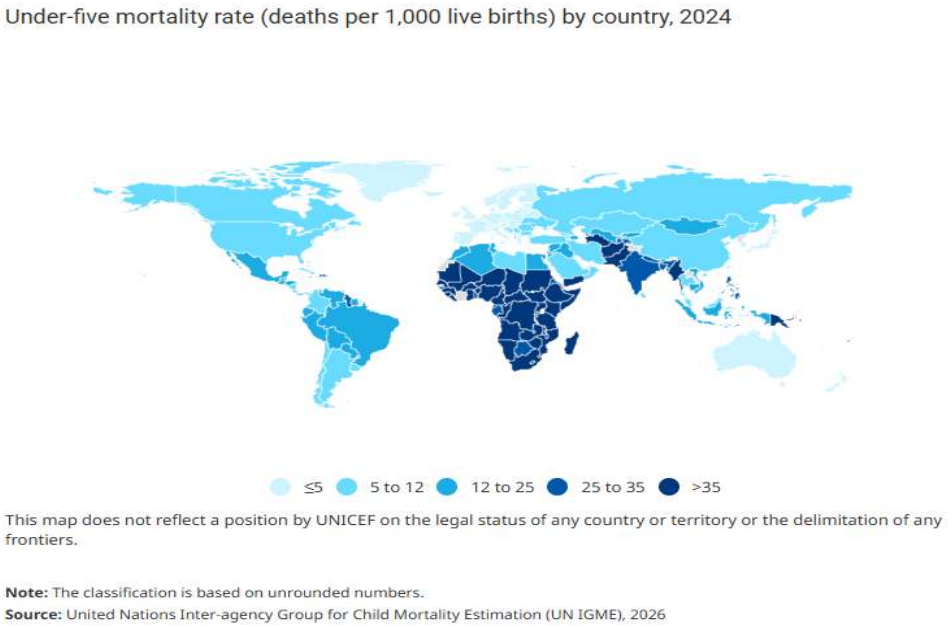
Na “Introdução” do relatório são reconhecidos os avanços em perspectiva histórica. Entre 2000 e 2015, o mundo vivenciou uma fase de aceleração expressiva na redução da mortalidade infantil, impulsionada por iniciativas globais, expansão da cobertura de intervenções custo-efetivas (como vacinação, terapia de reidratação oral e controle da malária) e aumento do financiamento internacional. Entretanto, o período posterior é marcado por desaceleração do progresso, agravada por múltiplas crises sobrepostas, incluindo a pandemia de COVID-19, conflitos armados e instabilidade econômica global. Esses fatores impactaram tanto a oferta quanto a demanda por serviços de saúde, interrompendo trajetórias de melhoria em diversos países.

Enfatiza-se que a mortalidade infantil é determinada por desigualdades estruturais. Crianças nascidas em países de baixa renda apresentam um risco de morte antes dos cinco anos que pode ser até dez vezes maior do que aquelas em países de alta renda. Além disso, países em situação de fragilidade, conflito ou crise humanitária concentram uma parcela crescente das mortes globais, indicando uma interseção crítica entre saúde e contextos geopolíticos. Apesar de muitas dessas mortes serem evitáveis com intervenções conhecidas e de baixo custo, persistem desigualdades profundas entre regiões, países e grupos populacionais, havendo falhas importantes na cobertura e, sobretudo, na qualidade da atenção à saúde.

Tendências e causas globais de mortalidade de menores de cinco anos

Na seção dedicada às tendências e causas globais de mortalidade de menores de cinco anos, observa-se que o mundo fez progressos notáveis na sobrevivência infantil nas últimas três décadas, e milhões de crianças têm melhores chances de sobrevivência do que em 1990 (1 em cada 27 crianças morreu antes de completar cinco anos em 2024, em comparação com 1 em cada 11 em 1990). No entanto, o progresso na redução da mortalidade infantil (menores de cinco anos) diminuiu na primeira metade da era dos ODS (2015–2024) em comparação com o que foi alcançado na era dos ODM (2000–2015). Globalmente, a taxa anual de redução da mortalidade infantil diminuiu de 3,9% em 2000–2015 para 1,5% em 2015–2024, indicando uma possível estagnação.

Globalmente, doenças infecciosas, incluindo pneumonia, diarreia e malária, continuam sendo uma das principais causas de morte em crianças menores de cinco anos, juntamente com desnutrição, que frequentemente aumenta a vulnerabilidade de adquirir outras doenças. Além disso, a análise mostra que o risco de morte antes dos cinco anos continua extremamente desigual: crianças nascidas na África Subsaariana e no Sul da Ásia possuem risco maior de morrer antes do quinto aniversário em comparação com aquelas nascidas em regiões de alta renda. Nesses contextos, fatores estruturais como pobreza, desigualdade de gênero, baixa escolaridade materna, acesso limitado a serviços de saúde de qualidade e instabilidade política contribuem para a manutenção de níveis elevados de mortalidade. Países afetados por conflitos, fragilidade institucional e crises humanitárias também concentram uma proporção crescente das mortes. A análise também ressalta disparidades internas aos países, com diferenças significativas entre áreas urbanas e rurais, e entre grupos socioeconômicos.



Especificamente no que se refere à mortalidade neonatal, o relatório aponta que este é o componente mais resistente à redução e o momento mais vulnerável para a sobrevivência de uma criança. As crianças enfrentam o maior risco de morte no primeiro mês de vida, com uma taxa média global de 17,2 óbitos por 1.000 nascidos vivos em 2024, uma redução de 53% em relação aos 36,6 óbitos por 1.000 nascidos vivos em 1990. Em comparação, a probabilidade de morte após o primeiro mês e antes de completar 1 ano foi estimada em 10,7 óbitos por 1.000 e a probabilidade de morte após completar 1 ano e antes de completar 5 anos foi estimada em

10,0 óbitos por 1.000 em 2024. Globalmente, 2,3 milhões de crianças morreram no primeiro mês de vida em 2024 – aproximadamente 6.200 óbitos neonatais por dia.

Neonatal mortality rate (deaths per 1,000 live births) by country, 2024



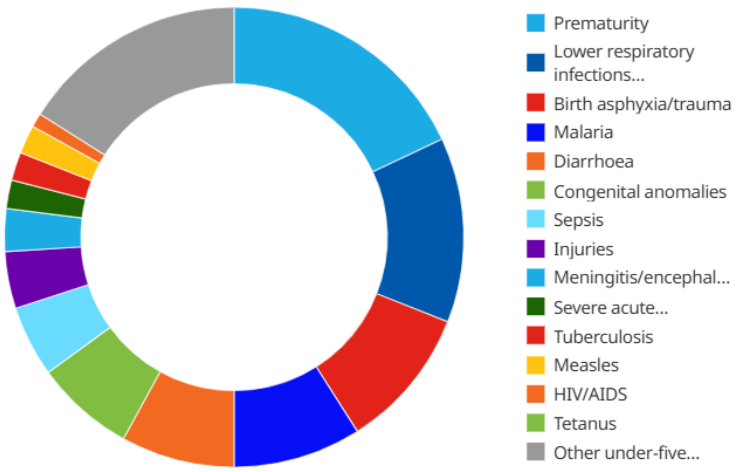
≤5 5 to 12 12 to 25 25 to 35 >35

This map does not reflect a position by UNICEF on the legal status of any country or territory or the delimitation of any frontiers.

Source: *United Nations Inter-agency Group for Child Mortality Estimation (UN IGME), 2026*

Quase metade das mortes de crianças menores de cinco anos ocorre nos primeiros 28 dias de vida, o que reflete desafios persistentes relacionados à qualidade da atenção ao parto, nascimento e ao cuidado neonatal imediato. As principais causas de morte neonatal incluem, como mencionado acima, prematuridade, complicações durante o parto (como asfixia) e infecções. A queda mais lenta nesse período contrasta com os avanços mais rápidos observados na redução de mortes por doenças infecciosas em crianças maiores, como pneumonia, diarreia e malária, evidenciando a necessidade de maior investimento em sistemas de saúde perinatais.

Cause of death distribution for under-five deaths, World (2024)



Source: Child and Adolescent Causes of Death Estimation project (2026) for the years 2000–2024.

Em síntese, a análise por faixa etária revela que, entre crianças de 1 a 59 meses, houve progresso significativo na redução de mortes por causas evitáveis, especialmente graças à expansão de intervenções como vacinação, tratamento de doenças infecciosas e melhoria das condições nutricionais. Ainda assim, essas causas continuam sendo responsáveis por uma parcela importante da mortalidade em países de baixa renda.

Tendências e causas globais de mortalidade de crianças maiores de cinco anos, adolescentes e jovens

Na seção seguinte, o relatório desloca o foco para a faixa de 5 a 24 anos e revela um perfil distinto. Embora o volume absoluto de mortes seja menor do que em menores de cinco anos, ainda são cerca de 2,1 milhões de mortes anuais, o que representa uma carga significativa e frequentemente negligenciada. Doenças infecciosas e lesões ainda desempenham papel relevante entre crianças mais novas, enquanto entre adolescentes e jovens predominam causas externas, como acidentes de trânsito, violência interpessoal e suicídio. O suicídio é a principal causa entre meninas de 15 a 19 anos e os acidentes de trânsito entre os meninos, na mesma faixa etária, em 2024. Além disso, meninas podem ser mais vulneráveis a determinadas condições relacionadas à saúde reprodutiva em contextos específicos. A inclusão sistemática dessas estimativas de causas representa um avanço metodológico importante, pois permite orientar melhor as políticas de prevenção.

Já no Brasil, no mesmo ano, a violência foi responsável por quase metade (49%) das mortes de meninos de 15 a 19 anos, com doenças não-transmissíveis ocupando o segundo lugar (18%). Acidentes de trânsito foram a terceira causa mais comum (14% das mortes). Entre meninas na mesma faixa etária, doenças não-transmissíveis foram a principal causa de morte (37%), seguidas por doenças transmissíveis (17%), pela violência (12%) e pelo suicídio (10%).

Lacunas de dados: limitações estruturais comprometem monitoramento e resposta

A seção sobre lacunas de dados evidencia um dos principais desafios para a governança global em saúde. Em muitos países, especialmente na África Subsaariana, menos de 50% das mortes são registradas em sistemas oficiais, o que obriga o uso de modelos estatísticos para estimativas.

Essa limitação compromete a capacidade de identificar com precisão as causas de morte e de monitorar desigualdades internas. A subnotificação é particularmente acentuada em áreas rurais, populações mais pobres e contextos de fragilidade institucional.

O relatório enfatiza que o fortalecimento dos sistemas de registro civil e estatísticas vitais não é apenas uma questão técnica, mas um componente essencial das políticas de saúde, pois dados de qualidade são fundamentais para orientar intervenções e alocar recursos de forma eficiente.

A seção também aponta desigualdades internas nos dados, com subnotificação maior em áreas rurais e populações vulneráveis. O fortalecimento dos sistemas de informação é apresentado como condição essencial para políticas públicas mais eficazes

Conclusões

Nas "*Conclusões*", o relatório retoma seus principais achados e reforça o caráter urgente das ações necessárias. É enfatizado que o mundo não está no caminho para atingir as metas dos ODS relacionadas à mortalidade infantil até 2030. Mantidas as tendências atuais, milhões de

mortes evitáveis continuarão a ocorrer. O documento chama atenção para a necessidade de acelerar o progresso especialmente nos países com maior carga de mortalidade, por meio de investimentos em atenção primária à saúde, cuidado materno e neonatal de qualidade e políticas intersetoriais que enfrentem determinantes sociais como pobreza, educação e nutrição. A equidade aparece como eixo central: reduzir desigualdades é condição para avançar globalmente.

O documento defende uma agenda centrada em três eixos principais: (1) aceleração do progresso nos países de maior carga, (2) melhoria da qualidade da atenção à saúde, especialmente no período neonatal, e (3) redução das desigualdades estruturais, incluindo pobreza, insegurança alimentar e acesso desigual a serviços. Há também um chamado para reforço da cooperação internacional e do financiamento sustentável, bem como para a integração entre diferentes áreas de políticas públicas.

*A seção *Annex: Estimating child mortality* detalha os métodos utilizados pelo *United Nations Inter-agency Group for Child Mortality Estimation* para gerar as estimativas. São descritos modelos estatísticos que integram diferentes fontes de dados, como censos, pesquisas domiciliares e registros administrativos. O relatório explica como são tratados problemas como sub-registro, inconsistências e ausência de dados em determinados países. Também descreve os intervalos de incerteza associados às estimativas e os processos de validação utilizados. Um avanço metodológico importante desta edição é a integração mais consistente entre estimativas de mortalidade total e de causas de morte.

*A seção de *Statistical tables* apresenta um amplo conjunto de dados desagregados por país, região, faixa etária e período. Nela, é possível observar, por exemplo, as taxas específicas de mortalidade neonatal, infantil e de menores de cinco anos para praticamente todos os países do mundo, além de séries históricas desde 1990. As tabelas também permitem identificar países que já atingiram as metas dos ODS e aqueles que estão mais distantes, evidenciando padrões de desigualdade global e regional. Esses dados são fundamentais para análises comparativas e para o planejamento de políticas públicas baseadas em evidências.

Recomendações

Mudanças no cenário global de financiamento para o desenvolvimento — incluindo a queda na ajuda internacional — estão colocando programas essenciais de saúde materna, neonatal e infantil sob crescente pressão. Pesquisas, sistemas de informação em saúde e funções essenciais que sustentam os serviços de saúde precisam de financiamento contínuo não só para preservar os atuais avanços, mas para acelerá-los.

As evidências mostram que investimentos em saúde infantil estão entre as medidas de desenvolvimento mais efetivas. Intervenções comprovadas e de baixo custo — como vacinas, tratamento da desnutrição e profissionais de saúde qualificados na gestação, parto e pós-parto — dão alguns dos maiores retornos em saúde global, aumentando a produtividade, fortalecendo economias e reduzindo gastos públicos futuros. Cada dólar investido na sobrevivência infantil pode gerar até vinte dólares em benefícios sociais e econômicos.

Para acelerar o progresso e salvar vidas, governos, doadores e parceiros devem:

- **Tornar a sobrevivência infantil uma prioridade política e financeira**, com compromisso dos países mais afetados para mobilizar recursos internos e ampliar o acesso a serviços de qualidade, baseados em evidências e acessíveis a todos.

- **Focar naqueles em maior risco**, especialmente mães e crianças na África Subsaariana e no Sul da Ásia, e em contextos frágeis e de conflito.
- **Fortalecer o cumprimento dos compromissos existentes** para reduzir mortes maternas, neonatais e infantis, incluindo registro de dados de forma transparente, assim como monitoramento e a divulgação.
- **Investir em sistemas de atenção primária à saúde** para prevenir, diagnosticar e tratar as principais causas de morte entre crianças, incluindo por meio de agentes comunitários de saúde e assistência qualificada no parto.

Referências

1. United Nations Inter-agency Group for Child Mortality Estimation. Levels and trends in child mortality: report 2025. New York: UNICEF; 2026. Disponível em: https://data.unicef.org/resources/levels-and-trends-in-child-mortality-2025/
2. UNICEF. Progresso na redução das mortes infantis desacelera no mundo enquanto 4,9 milhões de crianças menores de cinco anos morreram em 2024 [Internet]. 2026 [citado 2026 abr. 13]. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/progresso-na-reducao-das-mortes-infantis-desacelera-no-mundo-enquanto-4-virgula-9-milhoes-criancas-menores-de-cinco-anos-morreram-em-2024
3. UNICEF. Neonatal mortality [Internet]. UNICEF Data; 2026 [citado 2026 abr. 13]. Disponível em: https://data.unicef.org/topic/child-survival/neonatal-mortality/